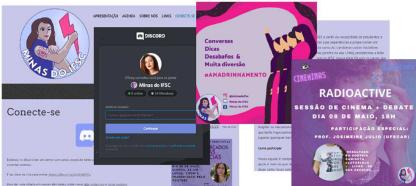


Grupo promove integração e permanência de alunas nos cursos de ciências exatas

A probabilidade de mulheres concluir o bacharelado na área de ciências é de 18% de acordo com uma [pesquisa](#) divulgada pela Organização das Nações Unidas (ONU). Quando se trata de mestrado e doutorado, este número cai para menos de 10%. A baixa incidência do público feminino nas carreiras científicas pode ser explicada, segundo a organização internacional, por fatores históricos e culturais — os mesmos que explicam salários mais baixos em relação aos homens e a falta de representatividade em cargos altos dentro de empresas.



Também, acredita-se que os dados refletem a falta de apoio familiar, de amigos e até das próprias instituições de ensino, o que fez a ONU definir como uma das metas da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável a busca pelo acesso e participação feminina de forma igualitária na ciência.



Maria Julia Marques

Quando Maria Julia Marques começou a graduação em Ciências Físicas e Biomoleculares no Instituto de Física de São Carlos (IFSC) da USP, percebeu que a proporção total de alunos homens era muito maior que a de mulheres. A estudante, que hoje é mestrandra em Física Biomolecular, concorda que a predominância masculina dentro dos cursos de ciências exatas pode afetar o desempenho das meninas. “Eu presenciei alguns casos de machismo durante a graduação. Também cheguei a ver desistência dentro dos cursos, acredito que pela falta de acolhimento e de apoio para essas meninas. A predominância masculina é até no corpo docente, temos muito mais professores homens do que mulheres.”

A experiência de Maria Julia faz parte desse quadro mundial, pois na USP a situação não é diferente. O [Anuário Estatístico](#) de 2020 aponta que as mulheres representam menos de 30% do total de alunos matriculados nos cursos de ciências exatas ou nas carreiras relacionadas ao STEM – sigla em inglês para ciência, tecnologia, engenharia e matemática.

Foi pensando em ampliar a permanência das mulheres nos cursos de graduação em ciências exatas que alunas, pesquisadoras e professoras voluntárias do IFSC idealizaram o grupo [Minas do IFSC](#), no início deste ano. A ideia é construir um espaço de inclusão, apoio e acolhimento para alunas recém-chegadas, num espaço onde possam compartilhar dúvidas, experiências e ideias com outras alunas da graduação e da pós-graduação.



Profª Tereza Cristina da Rocha Mendes

“Dentro de um espaço majoritariamente masculino, queremos ajudar meninas que estão chegando na graduação a terem confiança de que estão no lugar certo”, destaca a professora Tereza Cristina da Rocha Mendes, coordenadora do projeto Minas do IFSC. “Não é um canal para divulgar a ciência feita por mulheres, mas sim um espaço para unir as graduandas — principalmente as calouras, ainda mais agora na pandemia — que estão inseguras com a escolha do curso. Com as palestras, vamos apresentar cientistas e pesquisadoras inspiradoras a essas jovens.”

O grupo também funciona como um “fórum virtual”, por meio do Discord — plataforma de comunicação instantânea, que troca mensagens de texto, áudio e vídeo. É por lá que as mulheres se reúnem para bate-papos e enviam comunicados sobre as atividades e encontros. As alunas também promovem eventos como palestras com pesquisadoras e cientistas, que são [transmitidas pelo Youtube](#), sessões de cinema — chamadas CineMinas — e debates.

As participantes do projeto também promovem o “amadrinhamento” das calouras, em que alunas mais velhas se conectam com as recém-chegadas. A intenção é que esse contato possibilite maior apoio e acolhimento e fortaleça a relação entre as estudantes.

“Quando eu entrei no IFSC, em 2015, senti a necessidade de ter um grupo de apoio às meninas recém-chegadas. Um lugar em que a gente possa compartilhar histórias e conversar tanto sobre a graduação, quanto sobre a vida”, lembra Maria Julia, acrescentando que ficou muito feliz quando convidada a participar do grupo Minas do IFSC. “Fiquei muito honrada e feliz com o convite! Aceitei na hora. Estou amando ter contato com outras alunas da graduação e da pós-graduação, que eu ainda não conhecia, além de poder conhecer outras pesquisadoras do País.”

Para participar do grupo, basta entrar em contato com as alunas por meio da [página do Facebook](#), Instagram ([@minasdofsc](#)), ou [canal do Discord](#). Mais informações podem ser encontradas na plataforma do projeto em: www.ifsc.usp.br/~lattice/minas.

(Victoria Borges – Jornal da USP / Imagens Jornal da USP)

Assessoria de Comunicação – IFSC/USP

Compartilhe!

